FRANZ KAFKA

SER INFELIZ

LiteraMundo

Quando aquilo já tinha se tornado insuportável — uma vez ao entardecer, em novembro —, e eu deslizava sobre o tapete estreito do meu quarto como em uma pista, estremecido pelo aspecto da rua iluminada, voltei-me outra vez, e no fundo do quarto, no fundo do espelho, encontrei no entanto um novo objetivo, e gritei, somente para ouvir o grito ao qual nada responde e ao qual tampouco nada subtrai a força de grito, que por conseguinte sobe sem contrapeso e não pode cessar embora emmudeça; então, a partir da parede, a porta abriu-se para fora tão depressa porque a pressa era, decerto, necessária, e vi inclusive os cavalos dos carros lá embaixo, no pavimento, erguerem-se como potros que, tendo exposto os pescoços, se tivessem enfurecido na batalha.

Como um pequeno fantasma, correu uma menina do corredor completamente escuro, no qual ainda não acendia a lâmpada, e ficou na ponta dos pés sobre uma tábua do piso, a qual balançava levemente, acesa logo em seguida pela penumbra do quarto; quis ocultar rapidamente o rosto entre as mãos, mas de repente acalmou-se ao olhar para a janela, diante de cuja cruz o bafo da rua imobilizou-se enfim sob a escuridão. Apoiando o cotovelo na parede do quarto, ficou erguida diante da porta aberta e deixou que a corrente de ar que vinha de fora movesse-se ao longo das articulações dos pés, também do pescoço, também das têmporas. Olhei um pouco nessa direção, depois disse: "boa tarde", e peguei meu casaco do abajur do fogão, porque não queria ficar ali parado, assim, meio vestido.

Por um instante mantive a boca aberta para que a excitação me abandonasse pela boca. Eu estava com a saliva pesada; no rosto tremiam-me as pestanas. Não me faltava senão justamente esta visita, esperada por certo. A menina ainda estava parada contra a parede no mesmo lugar; apertava a mão direita contra ela e, com as bochechas coradas, não se importava que a parede pintada de branco fosse ásperamente granulada e raspasse as pontas dos seus dedos. Disse-lhe:

— É a mim realmente que você quer ver? Não é um engano? Nada mais fácil do que se enganar nesta imensa casa. Eu chamo-me fulano de tal; moro no terceiro andar. Sou então eu quem você deseja visitar?

— Calma, calma! — disse a menina por cima do ombro —; já está tudo bem.

— Então entre mais no quarto. Eu gostaria de fechar a porta.

— Acabo justamente de fechar a porta. Não se incomode. Acima de tudo, tranquilize-se.

— Nem falar de incômodo! Mas neste corredor vive um monte de gente. Naturalmente todos são meus conhecidos. A maioria vem agora dos seus afazeres. Se ouvem alguém conversando num quarto, julgam pura e simplesmente ter o direito de abrir e espreitar o que se passa. Já aconteceu uma vez. Essa gente já terminou o seu trabalho diário; a quem tolerariam na sua provisória liberdade noturna? De resto, você também já sabe disso. Deixe-me fechar a porta.

— Mas o que acontece? O que é que você tem? Por mim, pode entrar a casa inteira. E lembrolhe: já fechei a porta; acredite. Só você é que pode fechar as portas?

— Está bem, então. Não quero mais nada. De jeito nenhum deveria ter fechado à chave. E agora, já que está aqui, ponha-se à vontade; você é minha hóspede. Tenha plena confiança em mim. O único que importa é que não tenha medo de ficar à vontade. Não a obrigarei a ficar nem a ir embora. Será preciso dizer isso? Tão mal me conhece?

— Não. Na verdade não deveria ter dito isso. Mais ainda: não deveria ter dito. Sou uma menina; por que se incomodar tanto por minha causa?

— Não é para tanto! Naturalmente, uma menina. Mas tampouco é tão pequena assim. Já está bem crescida. Se fosse uma criancinha, não teria podido se trancar assim, de repente, comigo num quarto.

— Por isso não precisamos nos preocupar. Só queria dizer: não me adianta muito conhecê-lo tão bem; isso só lhe poupa o trabalho de fingir um pouco diante de mim. De qualquer modo, não me venha com salamaleques. Deixemos isso, peço-lhe, deixemos isso. E, além disso, não o conheço em qualquer lugar e a todo o momento, e muito menos nesta escuridão. Seria muito melhor que acendesse a luz. Não. Melhor não. De qualquer maneira, continuarei a ter em mente que você já me ameaçou.

— Como? Eu a amacei? Mas por favor! Estou tão contente por você finalmente estar aqui! Digo "finalmente" porque já é tão tarde. Não

consigo entender por que veio tão tarde. Além disso, é possível que por causa da alegria eu tenha falado de modo tão incongruente, e que você tenha interpretado exatamente assim. Confesso dez vezes que falei desse jeito. Sim. Ameacei-a com o que você quiser. Uma coisa: pelo amor de Deus, não vamos discutir! Mas como pôde acreditar nisso? Como pôde me ofender assim? Por que quer estragar à força este pequeno momentinho da sua presença aqui? Um estranho seria mais complacente do que você.

— Acredito. Isso não foi nenhuma genialidade. Por natureza estou tão perto de você quanto um estranho pode ser-lhe complacente. Você também sabe disso. Para que serve então essa tristeza? Diga logo que está encenando e eu vou-me embora imediatamente.

— Como? Também ousa me dizer isso? Você é um tanto audaciosa. Afinal de contas, você está no meu quarto! Esfrega os dedos como uma louca na minha parede. Meu quarto, minha parede! Além disso, o que você diz é ridículo, não apenas insolente. Diz que a sua natureza a obriga a falar-me desse modo. A sua natureza é a minha, e se eu, por natureza, me comunico amavelmente com você, tampouco você tem o direito de agir de outra forma.

— Isto é ser amável?

— Estou falando de antes.

— Sabe como serei depois?

— Não sei de nada.

E dirigi-me à mesa de cabeceira, onde acendi uma vela. Naquela época eu não tinha luz elétrica nem gás no meu quarto. Depois sentei-me um pouco à mesa, até que também disso me fartei. Pus o sobretudo; apanhei o chapéu que estava no sofá e, com um sopro, apaguei a vela. Ao sair, tropecei na perna de uma poltrona. Na escada, encontrei um inquilino do mesmo andar.

— Já vai sair de novo, bandido? — perguntou, apoiando-se com as pernas bem abertas sobre dois degraus.

— Que posso fazer? — disse —. Acabo de receber um fantasma no meu quarto.

— Você diz isso com o mesmo descontentamento de quem encontrou um cabelo na sopa.

— Você brinca. Mas tenha em mente que um fantasma é um fantasma.

— É verdade: mas como fica se a gente não acredita absolutamente em fantasmas?

— Ora! Acha por acaso que eu acredito em fantasmas? Mas de que me adianta essa descrença?

— Muito simples. O que você deve fazer é simplesmente não ter medo se um fantasma vier de fato ao seu quarto.

— Sim. Mas esse é o medo secundário. O verdadeiro medo é o medo da causa da aparição. E esse medo permanece, e eu o trago muito vivo dentro de mim.

Por puro nervosismo, comecei a revistar todos os meus bolsos.

— Já que você não tem medo da aparição como tal, deveria ter-lhe perguntado calmamente qual foi o motivo da vinda dela.

— Evidentemente, você nunca conversou com fantasmas; nunca se consegue obter deles uma informação clara. É um vai e vem constante. Esses fantasmas parecem duvidar mais de sua própria existência do que nós, o que, de resto, dada a fragilidade deles, não chega a ser espantoso.

— Mas ouvi dizer que é possível seduzi-los.

— Nisso você está bem-informado. É possível. Mas quem vai fazer isso?

— Por que não? Se for um fantasma feminino, por exemplo — disse ele, subindo mais um degrau.

— Ah, sim...! — disse —, mas mesmo assim não vale a pena. Ponderei bem.

Meu vizinho já estava tão alto que, para me ver, teve de se curvar por baixo de um arco da

escada.

— Mas, apesar disso — gritei —, se você aí em cima me roubar o meu fantasma, rompemos relações para sempre.

— Mas foi só uma brincadeira! — disse ele, retirando a cabeça.

— Então está bem — disse.

E agora, verdade seja dita, eu poderia ter saído para dar um passeio com toda a

tranquilidade; mas, como me senti tão desolado, preferi subir e deitei-me para dormir.

LiteraMundo

No Litera Mundo, tornamos a literatura acessível a todos, oferecendo uma coleção de obras de domínio público. Nosso objetivo é preservar e compartilhar clássicos atemporais, incentivando a leitura gratuita e sem barreiras.

www.literamundo.com.br